

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Julia Lourenço de Oliveira

Metafísica: Como o homem pensa a si mesmo e se organiza em sociedade

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Ana Julia Lourenço de Oliveira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073051A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Metafísica: Como o homem pensa a si mesmo e se organiza em sociedade**, desenvolvido durante o período de 01/2023 a 07/2023 sob a orientação de Humberto Schubert Coelho, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, de de 2023.

Ana Julia Lourenço de Oliveira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

Metafísica: Como o homem pensa a si mesmo e se organiza em sociedade

Ana Julia Lourenço de Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre homem e religião no meio social. Apresentando o problema e discorrendo a respeito do que é ou não considerado como sendo moral nas duas perspectivas, tanto para o homem religioso quanto para a sociedade. Além disso, expondo também o impasse do homem religioso e do seu comprometimento moral de vida no cotidiano. Como aparato metodológico principal, buscou-se como referência o teólogo Tomás de Aquino e sua obra intitulada de “Suma teológica”. Além de outras pesquisas bibliográficas que falam do ato moral, da ética, da prudência na visão do teólogo, também buscou-se referência em outros autores como Mircea Eliade. Após a análise, concluiu-se que essa moral citada anteriormente entre homem religioso e sociedade, contribui para discussões importantes como o vício. Espera-se expor aqui o caminho percorrido pelo homem religioso, até chegar ao conflito com a sociedade e sua diversidade moral.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica. Moral. Homem. Religião. Sociedade.

INTRODUÇÃO

A religião, principalmente o cristianismo, por muito tempo ao longo da história foi a grande protagonista das decisões tomadas na sociedade. Porém, hoje a religião é uma instituição social, com objetivo de trazer sentido e direção para vida de seus integrantes e seguidores, constituindo uma espécie de ligação entre o homem e o sagrado. Essa relação do homem com o sagrado carrega, de certa forma, um comprometimento moral do indivíduo com relação à divindade adorada por ele, isso entra em contraste com a sociedade e sua diversidade moral. Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo analisar essa dualidade moral entre o homem e a sociedade, mostrando sempre esse comprometimento moral do indivíduo com o divino.

No que concerne ao comprometimento moral, é de suma importância esclarecer o significado de pecado, isto é, ele “se dá no contexto da liberdade e da responsabilidade humanas, como consequência de ações assentadas nos juízos da razão e na anuência da vontade”(FAITANIN, 2006, p. 109). Como o homem pensa a si mesmo está diretamente relacionado a como ele se vê em um ambiente que não condiz muitas vezes com o que ele acha moralmente correto dentro de sua perspectiva religiosa, onde muitas vezes ele nasceu e foi criado. Por esse motivo, é importante pensar como ele se organiza nessa sociedade que o “apresenta” tantas tentações, e refletir os impulsos ou não desse indivíduo inserido dentro desse meio. Uma vez que, “a vontade é uma capacidade que permite ao seu possuidor inclinar-se a objetos intelectualmente apreendidos como bons e afastar-se de objetos reconhecidamente maus”(MARTINES, 2019, 255).

Nesse sentido, foi feita uma revisão de leitura focada em Tomás de Aquino, sendo agregado a isso outros autores que abordam seriamente a moral, religião, pecado e sociedade dentro da metafísica. Sobre a estrutura, foi analisada a maneira que sucede o contato do homem com a religião, sua natureza ética e como esse indivíduo religioso se vê no meio social. Desse modo, o homem sempre irá justificar suas ações boas ou ruins com objetos externos. Assim, nada nunca será totalmente de sua responsabilidade, mas sim do mundo ou da sociedade que o “apresenta” constantemente distrações e caminhos alternativos para que ele, entrando em discordância, cometa o temido pecado e pereça.

Na seção seguinte, já pertencendo ao meio religioso, pode-se ir em direção ao desejo desse homem religioso de resistir às tentações e usar com sabedoria a liberdade de escolha dada a ele por Deus, chamada de livre arbítrio. Neste momento, foi percebida a necessidade de, mesmo que brevemente, caracterizar a prudência na perspectiva de São Tomás de Aquino, uma vez que, a prudência está relacionada com virtude moral. Em um terceiro momento, começou-se a apresentar o centro da pesquisa que é a dualidade moral entre o homem religioso e a sociedade.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: anajulouren@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho.

É de suma importância o exame de consciência, durante e após a leitura, da forma como esse indivíduo religioso é visto também no meio social. Suas relações e seu estilo de vida são pautados naquilo que ele julga ser bom ou mau, certo ou errado dentro da sua crença. Desse modo, é preciso também um comprometimento do escritor ao analisar e escrever sobre esse homem religioso. Pois, como já foi dito anteriormente, não se vive mais em uma época onde a religião é uma reguladora social, mas sim em uma época onde ela é uma instituição social. Por isso, é dentro da metafísica que se irá aqui analisar a existência desse homem religioso e a essência de seus pensamentos, que estão para além da experiência sensível.

2. O HOMEM E A RELIGIÃO

Primeiramente, pode-se refletir sobre algumas das possíveis maneiras de como a religião entra na vida desse homem, a partir de algumas hipóteses. Pode ser que ele tenha tido contato desde criança e tenha permanecido na mesma religião até o resto de sua vida, pode-se imaginar um outro cenário, onde ele tenha sido criado dentro de uma religião, mas, durante a sua vida, ele tenha mudado para outra religião. Visto isso, é possível agora analisar a experiência religiosa, não em seu sentido completo, mas já torna-se mais claro que essa experiência advém de uma identificação entre o homem e a religião que ele pertence. Então, é esperado que, a partir daí, suas decisões sejam tomadas com base na sua crença.

Para falar sobre a natureza ética do homem é preciso destacar o que é a ética para Tomás de Aquino. Assim, “a ética construída por Tomás de Aquino está fundamentada no pensamento metafísico. Para ele, como para toda tradição clássica, a Ética tem como fundamento necessário uma metafísica, e a estrutura inteligível do agir humano repousa na continuidade entre o especulativo e o prático”(VAZ, 1999, p. 212).

No cristianismo, o homem entende que é de sua natureza pecar - a questão do livre arbítrio será debatida na próxima sessão. Acreditando que é de sua natureza ser pecador, ele se vê na sociedade, no mundo, como uma alma imortal dentro de um corpo mortal, que está nessa realidade mundana de passagem. Nessa perspectiva, ele entende que, pelo fato de ser falho, sua única saída é ser "santo", assim como Deus o ordena. Isso porque:

“Os atributos de Deus como tais, sua santidade, sua justiça, sua misericórdia, sua incondicionalidade, sua infinidade, sua onisciência, sua tri-idade, os vários mistérios do processo redentor, a ação dos sacramentos, etc, revelaram-se férteis mananciais de inspiradora meditação para os crentes cristãos”(JAMES, 1991, p. 26).

“O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”(Eliade, 1992, p. 13). Observando por uma perspectiva exterior, é possível notar uma lógica comportamental desses fiéis. Para perceber tal comportamento, é importante notar que o que falta neles, em termos de bondade, eles encontram no divino, no transcendental. Assim, isso se reflete em suas ações, pois muitas vezes, a sua divindade é tão perfeita para ele que se torna quase impossível para ele pensar que existam pessoas que não tenham a mesma crença que ele. Desse modo, qualquer ideia contrária ao que esse homem religioso acredita como sendo certo, não será totalmente aceita por ele e por seu grupo. Uma vez que, ele não se sentirá equivocado em cometer tal ação de repulsa contra o outro, ocasionando algum tipo de rixa. Sobre a questão da rixa, Tomás de Aquino diz:

Primeiro, visando como que em absoluto o mal do outro. E esse modo de ferir é próprio do ódio, cujo fim é ferir o inimigo manifesta ou ocultamente. - De outro modo, tencionamos ferir a outrem, que o sabe e que resiste; e é isso o que significa o nome de rixa. E tal pertence propriamente à ira, que é o desejo de vingança. Pois, não basta ao irado fazer mal ocultamente aquele contra o qual está encolerizado; mas quer que este sinta e que, contra a sua vontade, sofra algo como vingança pelo que fez; como é claro pelo que dissemos da paixão da ira(ST I, Q. 41, Art. 2, solução).

Além disso, em sua maioria, a religião e/ou a crença é algo herdado da família. Nesse aspecto, pode-se chegar a conclusão de que a sociedade é tão religiosamente fundada que se torna quase impossível pensar que alguém não tenha religião ou que não acredite na existência de alguma. A maioria dos valores passados, tanto de forma oral ou de forma escrita, se baseiam na religião. A ideia de céu e inferno é contada para as pessoas desde de sua infância. Muitos termos hoje em dia são difíceis de serem tratados fora da religião, por exemplo, a existência do mal. Por isso, para algumas pessoas, qualquer coisa que saia dessa ideia pode não ser bem aceita, recebida e entendida. “Algumas pessoas, por exemplo, nunca são, e possivelmente nunca serão, convertidas, sejam quais forem as circunstâncias. As idéias religiosas não podem tornar-se o centro da sua energia espiritual”(JAMES, 1991, p. 79).

A narrativa construída em volta da experiência religiosa funciona como uma espécie de atrativo para aqueles que buscam uma saída para os anseios de uma vida conturbada e cheia de problemas. Geralmente, esses anseios estão relacionados a questões financeiras, quando não, eles também buscam na religião uma forma de justificar suas más ações, externando a culpa.

Por isso, é dentro da religião que eles irão encontrar respostas para aquilo que eles tanto procuram. Já passada a fase de identificação, esse indivíduo irá, dentro do cristianismo, se comportar de acordo com o que lhe é delegado. Pois é a partir daí que ele irá ser recompensado. Ou seja, suas boas ações geram frutos e o principal deles é a chamada vida eterna. Para eles, a vida eterna é concedida para aqueles que tiverem seu nome escrito no livro da vida:

Como dissemos, o livro da vida supõe a inscrição ou conhecimento dos eleitos à vida. Ora, alguém só é eleito para o que não lhe cabe por natureza. E além disso, aquilo para o que alguém é eleito desempenha o papel de causa final. Assim o soldado não é escolhido ou inscrito para que se arme, mas para lutar, que é o fim próprio da milícia. Ora, o fim sobrenatural é a vida da glória, como dissemos. Logo, propriamente, é a esta que o livro da vida concerne(ST I, Q. 24, Art. 2, solução).

A certeza da existência de alguém que não se vê, mas se sente, guia essas pessoas para um lugar onde elas não sabem onde fica, mas que elas também tem a certeza de que existe. Isso é mais do que esperança, mas é fé. Se torna sempre mais interessante o estudo sobre o comportamento desse homem religioso, pois nem ele sabe ao certo descrever seu sentimento ao se relacionar com o sagrado e também não sabe justificar o propósito de tanto sofrimento. Porém, se chamá-lo para conversar, ele irá definir tudo com uma única palavra: fé. Tal fé faz com que ele se conforme e veja sentido até mesmo nas situações mais difíceis que ele venha a passar.

Sabendo que o homem precisa acreditar que algo ou alguém exista para permanecer ali e seguir as regras que lhe são impostas. Outra questão que pode ser abordada aqui dentro da experiência entre o homem e a religião, é a da existência de Deus. Que “é a garantia de uma ordem ideal, que será permanentemente preservada” (JAMES, 1991, p. 178). Tomás de Aquino diz que pode-se provar a existência de Deus por cinco vias:

A primeira e mais manifesta é a procedente do movimento; pois, é certo e verificado pelos sentidos, que alguns seres são movidos neste mundo. Ora, todo o movido por outro o é. Porque nada é movido senão enquanto potencial, relativamente àquilo a que é movido, e um ser move enquanto em ato. Pois mover não é senão levar alguma coisa da potência ao ato; assim, o cáldo atual, como o fogo, torna a madeira, cáldo potencial, em cáldo atual e dessa maneira, a move e altera. Ora, não é possível uma coisa estar em ato e potência, no mesmo ponto de vista, mas só em pontos de vista diversos; pois, o cáldo atual não pode ser simultaneamente cáldo potencial, mas, é frio em potência. Logo, é impossível uma coisa ser motora e movida ou mover-se a si própria, no mesmo ponto de vista e do mesmo modo, pois, tudo o que é movido há-de sê-lo por outro. Se, portanto, o motor também se move, é necessário seja movido por outro, e este por

outro. Ora, não se pode assim proceder até ao infinito, porque não haveria nenhum primeiro motor e, por consequência, outro qualquer; pois, os motores segundos não movem, senão movidos pelo primeiro, como não move o báculo sem ser movido pela mão. Logo, é necessário chegar a um primeiro motor, de nenhum outro movido, ao qual todos dão o nome de Deus(ST I, Q. 2, Art. 3, solução).

A emoção que o homem tem com determinada religião não é, necessariamente, involuntária. Visto que, a emoção é gerada a partir da identificação, e a identificação gera o comprometimento que faz ele agir de determinado modo. “Como estados concretos de espírito, feitos de um sentimento mais um tipo específico de objeto, as emoções religiosas, naturalmente, são entidades psíquicas distinguíveis de outras emoções concretas; mas não existe fundamento para a presunção da existência”(JAMES, 1991, p. 17). Portanto, ele se entende na sociedade como um ser agraciado, pois agora ele foi liberto daquilo que ele tanto temia, que seriam a sua própria natureza. Aquilo que o ameaça como cristão que ele terá vontade de experimentar. Mas a felicidade desse homem deve se basear na religião e não em satisfações ditas como momentâneas. Agora ele precisa conviver no meio social com pessoas que pensam diferente dele.

3. COMPROMETIMENTO MORAL DO HOMEM RELIGIOSO EM SOCIEDADE

Na perspectiva religiosa cristã, como foi abordado anteriormente, haverá momentos que o homem irá se deparar na sociedade com situações que não condizem com a maneira que ele moralmente se relaciona com o mundo. Assim, o seu desafio no meio social será conviver com pessoas que não estão alinhadas com sua perspectiva de mundo. Desse modo, a sessão que se inicia terá como foco o comprometimento moral do homem religioso na sociedade multifacetada, tendo em vista os principais pontos que norteiam esse comprometimento: prudência, virtude, tentações, santidade, desejos, dualidade entre bem e o mal, morte para o homem.

3.1. LIVRE-ARBÍTRIO E VIRTUDE

Tomás de Aquino, em seu tratado moral, irá examinar a natureza do ato humano, determinado essencialmente pela vontade, que detém a beatitude como objeto; o livre arbítrio, como composição para que possa haver o discurso moral e responsabilidade do ato; e, por fim, os atos de vontade, orientados sempre pelo bem final(SILVA; TEIXEIRA, 2011). Ao homem é delegado a responsabilidade pelos seus atos, pois a ele pertence a liberdade de fazer aquilo que lhe convém em determinado momento. Portanto, o livre-arbítrio é nada mais que a liberdade dada a esse homem por Deus, para que dentro de sua vontade, esse homem faça o que desejar. Na Suma Teológica, Tomás de Aquino afirma que ao homem pertence o livre arbítrio, dizendo:

O homem tem livre arbítrio; do contrário seriam inúteis os conselhos, as exortações, os preceitos, as proibições, os prêmios e as penas. E isto se evidencia, considerando, que certos seres agem sem discernimento; como a pedra, que cai e, semelhantemente, todos os seres sem conhecimento. Outros, porém, agem com discernimento, mas não livre, como os brutos. Assim a ovelha que, vendo o lobo, discerne que deve fugir, por discernimento natural, mas não livre, porque esse discernimento não provém da reflexão, mas do instinto natural. E o mesmo se dá com qualquer discernimento dos brutos. — O homem, porém, age com discernimento; pois, pela virtude cognoscitiva, discerne que deve evitar ou buscar alguma coisa. Mas esse discernimento, capaz de visar diversas possibilidades, não provém do instinto natural, relativo a um ato particular, mas da reflexão racional. Pois a razão, relativamente às coisas contingentes, pode decidir entre dois termos opostos, como se vê nos silogismos dialéticos e nas persuasões retóricas. Ora, os atos particulares são contingentes e, portanto, em relação a eles, o juízo da razão tem de se agir

com termos opostos e não fica determinado a um só. E, portanto, é forçoso que o homem tenha livre arbítrio, pelo fato mesmo de ser racional(ST I, Q. 83, Art. 1, solução).

Visto isso, um homem ao qual pertence uma mente comprometida com a moral religiosa, isto é, dentro de sua liberdade de escolha ele opta por decisões alinhadas com a moral religiosa, a ele será agregada a qualidade de virtuoso. Por essa afirmação, Aquino(1265-1273) diz que “a virtude é uma boa qualidade da mente, pela qual vivemos retamente, de que ninguém pode usar mal, e que Deus obra em nós, sem nós”. Assim sendo, Tomás de Aquino ainda ressalva dizendo:

Esta definição exprime perfeitamente toda a essência da virtude. Pois a essência perfeita de um ser deduz-se da reunião de todas as suas coisas. Ora, a definição de que se trata compreende todas as causas da virtude. — Assim, a causa formal da virtude, como de tudo, é deduzida do seu gênero e da diferença, quando se diz que ela é uma qualidade boa; pois, o gênero da virtude é a qualidade e a diferença, o bem(ST I, Q. 55, Art. 4, solução).

Toda boa qualidade da mente, isto é, a virtude, de um homem religioso, é colocada em prática a partir do momento que ele se encontra em sociedade. Nesse momento ele convive com pessoas que não tem a mesma perspectiva de mundo que ele. Em algumas ocasiões, sua definição de certo e errado, de bem e mal, não é congruente com a de pessoas que ele se relaciona em sociedade diariamente. Com o passar do tempo, alguns desejos norteiam a vontade desse homem de seguir comprometido com seus princípios religiosos, ou seja, suas virtudes morais. Assim, (NASCIMENTO, 1993) o fim da virtude moral é analisar o melhor caminho, porém esse melhor caminho só será descoberto pela propícia ordenação no que diz respeito a esse fim, o que cabe a prudência.

Nesse caso, a prudência interfere na escolha por meio da deliberação e do juízo que finda esta deliberação. Porém, não é suficiente que a vontade se predisponha em certa direção. Pois, a decisão só será completa no cumprimento e é em meio a decisão e o cumprimento que interferirá assim o império que rege e estimula o cumprimento. A prudência é uma virtude do agir, não da ação ineficiente. Cabe a ela analisar e julgar sobre um fim pertinente(NASCIMENTO, 1993).

A prudência, com efeito, não reveste apenas a determinação de virtude, à medida que diz respeito ao conhecimento (ela é uma das virtudes intelectuais), mas também à medida que é virtude moral, entre as quais é também enumerada. De fato, a prudência, sendo a aplicação da razão reta à ação, supõe o apetite (vontade) retificado. Ela é, pois, virtude no sentido estrito e representa não só a articulação entre o universo intelectual dos princípios e a ação singular, mas sobretudo a articulação entre a tendência para o fim último da vontade e a escolha concreta do que se ordena a este fim(NASCIMENTO, 1993, p. 370).

Desse modo, a prudência está relacionada ao agir, sendo ela uma virtude essencial para a vida humana. Pois, viver bem é praticar boas obras e, para isso, é preciso considerar não só o que se faz, mas também como se faz tais obras. As quais devem ser feitas de acordo com a escolha direta e não somente pela paixão ou impulso. Ao fim adequado, o homem intenciona convenientemente por meio da virtude, que favorece o lado apetitivo da alma, a qual a causa é o bem e o fim. Dessa forma, para que o homem faça a escolha direta a um fim adequado, é necessário que ele esteja tendente pelo hábito racional. Portanto, é preciso que haja na razão alguma virtude intelectual, que seja benéfica a razão, e através dela a razão agiria de forma correta pelos meios dispostos. Essa virtude é a prudência, assim sendo essencial para o bem viver (AQUINO, 1265-1273).

Visto isso, quando o homem religioso tem contato com situações diversas que diferem de seus princípios, o horizonte dos desejos se apresenta como desafio a ser superado pela prudência, como virtude moral. Mesmo que esse indivíduo tenha consciência de que ele detém o livre-arbítrio, ele precisa se manter

comprometido moralmente com convicção. Para isso, compete a prudência, como virtude essencial, analisar um fim cabível, desviando o homem do mal moral.

Neste cenário do horizonte dos desejos, o mal se mostra na mais extensa pluralidade de aparências, isto é, não se mostra somente como a já conhecida maldade cruel. Ele se reveste, em alguns casos, com ar de bondade, escondendo-se em boas aparências e em alguns prazeres momentâneos. Ao se apresentar, de certa forma, atraente, pode deixar a impressão de que satisfaz o homem do bem que lhe falta(CALLEGARO, 2010).

Ele é evidente e multifacetado na medida em que se revela e se manifesta aos olhos humanos como corrupção do homem pela morte, na depravação da relação humana para com Deus e seus semelhantes, nas doenças, guerras e terrorismos, na exploração da natureza entre outros inúmeros eventos. Entretanto, segundo Aquino, os piores males não são as dores ou privações físicas, mas, ao contrário, são os que tocam intimamente o humano(CALLEGARO, 2010, p. 69).

O mal que toca dessa forma íntima o homem é chamado por Aquino de mal de culpa, considerado pelos homens o pior mal, “pois provém das suas ações livres que se opõem aos bens espirituais da graça e da glória e, conseqüentemente, a Deus, fonte da graça e Senhor da glória” (FAITANIN, 2006, p. 113). Na filosofia tomasiana, o mal expressa, precisamente, a ausência de perfeição no indivíduo que esse mal se dá. Assim, o mal é a carência de virtude e do bem que o homem deveria deter. Desse modo, a melhor denominação para o mal no cristianismo é pecado, ligado diretamente ao mal moral(CALLEGARO, 2010).

“A liberdade se apresenta como parte essencial da moralidade”(MARTINEZ, 2019, p. 257), as ações desse homem religioso em sociedade não se afastam do livre-arbítrio:

O homem livre e responsável, portanto, pode ser motivado pela reta razão como também pelas paixões desordenadas, já que são suas escolhas e ações que estabelecem o mal moral. Este mal, por sua vez, ao privar o homem de atingir seu fim que é a conversão plena a Deus, colocando-o contra o Criador supremo e afastando-o da presença Beatífica de Deus, deixa seqüelas e feridas abertas na alma humana(CALLEGARO, 2010, p. 71).

Assim sendo, “o bem é apresentado à vontade pela razão como objeto; e na medida em que entra na ordem da razão, pertence à ordem moral e causa, no ato da vontade, a bondade moral. Pois a razão é o princípio dos atos humanos e morais, como antes se disse”(AQUINO, 1265-1275). Conseqüentemente, o pecado, como se disse antes, a ação oposta aos bens espirituais, demonstra que a esse homem não pertence a beatitude, isto é, a ele não pertence “o bem perfeito da natureza intelectual”(AQUINO, 1265-1273).

Ao falar de beatitude, cabe introduzir também a noção de alma para esse indivíduo. Visto que, para ele suas ações têm conseqüências, as quais serão aplicadas a sua alma futuramente. Esse homem religioso acredita fielmente que a ele pertence uma alma. Sobre sua definição, Tomás de Aquino diz:

Chamamos alma ao princípio primeiro da vida. Pois, embora algum corpo possa ser um certo princípio da vida, como o coração o é, no animal; contudo não pode ser o princípio primeiro da vida de qualquer corpo. Ora, é manifesto, ser princípio da vida ou vivente não cabe ao corpo como tal; do contrário todo corpo seria vivo ou princípio da vida. Logo, só cabe a um certo corpo como tal ser vivo, ou ainda, princípio da vida. Ora, o que torna esse corpo atualmente tal é algum princípio, chamado o seu ato. Por onde, a alma, princípio primeiro da vida, não é corpo, mas o ato dele, assim como o calor, princípio da calefação, não é corpo, mas um ato do corpo(ST I, Q.75, Art. 1, solução).

Visto isso, ao agir em uma direção que se oponha ao seu comprometimento moral, ele se atém na preocupação com o pior fim que, na sua perspectiva religiosa, ele pode atrair para ele mesmo. Isto é, ele se preocupa com o destino que sua alma terá, essa preocupação ocorre mesmo quando esse indivíduo não comete nenhum pecado. A santidade torna-se uma questão muito importante no debate sobre o destino último da alma, após a morte. Uma vez que, “chama-se santidade a aplicação que faz a mente do homem, de si mesmo e de seus atos, a Deus”(AQUINO, 1265-1273). A preocupação do homem religioso está no medo de sua alma, pelas suas ações em sociedade, não alcançar a graça de Deus, ser salva e levada ao paraíso. Uma forma de garantir sua salvação é através da confissão:

A penitência, enquanto sacramento, sobretudo se perfaz na confissão; pois que por ela nós nos sujeitamos aos ministros da Igreja, que são os dispensa dores dos sacramentos. Pois, a contrição vai junta com o desejo da confissão; e a satisfação é determinada pelo juízo do sacerdote, a quem a confissão é feita. E como o sacramento da penitência infunde a graça, pela qual se faz a remissão dos pecados, como no batismo, por isso e do mesmo modo a confissão, por força da absolvição anexa, perdoa a culpa, como o faz o batismo. Mas o batismo livra da morte do pecado; não só quando atualmente recebido, mas também enquanto já está no nosso desejo. Talo caso dos que se achegam aos batismos já santificados. E se nenhum obstáculo o impedisse, a própria colação do batismo daria a graça que perdoa os pecados, se já antes não tivessem sido remitidos. E o mesmo devemos dizer da confissão preexistente acompanhada da absolvição; a qual, enquanto já no desejo do penitente, era suficiente a livrar da culpa; mas depois, no ato da confissão e da absolvição, aumenta a graça. E então obteria o confitente perdão dos pecados, se a dor precedente deles não fosse suficiente para haver contrição, e ele não opusesse então nenhuma resistência à graça. Por onde, assim como dizemos que o batismo livra da morte, assim também podemos dizê-lo da confissão(ST I, Q. 10, Art. 1, solução).

Porém, a certeza de que algum dia a morte chegará é permanente. Por esse motivo o homem também se preocupa se sua alma irá de imediato para o céu ou para o inferno. Sua alma, (AQUINO, 1265-1273) ao desfazer-se sua ligação com a carne, alcançará o prêmio ou a pena, que também dependerá de suas ações na terra. Assim dizendo, receberia seu destino de acordo com suas ações. Guiada tanto para o céu, por suas ações comprometidas com moral religiosa e fiel à virtude, quanto para o inferno, como consequência de suas ações ruins.

4. A MORAL

Como foi visto anteriormente, a moral se aplica de forma particular para aqueles que seguem princípios religiosos e, nesses casos, as ações desses indivíduos iniciam-se pela compreensão do livre-arbítrio, seguida pelo comprometimento moral. Porém, nesta sessão, será apresentada ao leitor a questão da moral de uma forma mais ampla, no que tange o coletivo, o social. Ou seja, existe mais de um tipo de comportamento considerado como sendo moralmente aceito na sociedade, destacando portanto, como objeto de comparação, algumas questões importantes para a fé cristã.

4.1 DO INDIVIDUAL AO COLETIVO

Neste momento final, torna-se importante que a definição de moral se estenda ao âmbito social, uma vez que, a concepção de moral para o indivíduo religioso não é a única existente na sociedade. A homogeneidade espacial não existe, o homem religioso se depara com isso ao se socializar, como já foi apresentado. “Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”(ELIADE, 1992, p. 17), por meio dessa diferença “o

homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”(ELIADE, 1992, p. 13). Por outro lado, em uma perspectiva social, a religião ocupa o espaço sendo uma instituição que detém indivíduos com características e comportamentos específicos. É dessa forma que, para o homem religioso, é apresentada dualidade entre o sagrado e o profano.

Pode se medir o precipício que separa as duas modalidades de experiência – sagrada e profana – lendo se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências religiosas do Tempo, ou às relações do homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida humana, à sacralidade de que podem ser carregadas suas funções vitais (alimentação, sexualidade, trabalho etc.). Bastará lembrar no que se tornaram, para o homem moderno e a religioso, a cidade ou a casa, a Natureza, os utensílios ou o trabalho, para perceber claramente tudo o que o distingue de um homem pertencente às sociedades arcaicas ou mesmo de um camponês da Europa cristã. Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado(ELIADE, 1992, p. 14).

Assim, o modo de ser no mundo mostra-se diferente, visto que, enquanto um determinado ato é considerado meramente fisiológico, por outro lado, esse mesmo ato poderá ser considerado como um sacramento, representando uma ligação do homem com o sagrado. Visto isso, é importante discorrer sobre o ato moral como um aspecto que diferencia o indivíduo religioso dos demais em sociedade. Isto é, a eleição de um caminho poderá ser desconsiderada como moralmente aceita para o homem religioso, enquanto que, para os demais na sociedade, poderá ser considerada aceita.

Para exemplificar essa dualidade entre o homem religioso e a sociedade, é possível citar questões como a luxúria, visto que, enquanto para alguns ela é somente um ato, para outros é um pecado. Assim diz Tomás de Aquino:

Quanto mais necessária for uma coisa, tanto mais deve ser governada pela regra da razão; e portanto será tanto mais viciosa quanto mais preterir a ordem racional. Ora, a prática dos atos venéreos é sumamente necessária ao bem comum, que é a conservação do gênero humano. Por isso, deve ser sumamente regulada pela ordem da razão. E por consequência será vicioso o que, nessa matéria, se fizer contra tal ordem. Ora, a luxúria por natureza excede o modo racional na prática dos atos venéreos. Logo e sem dúvida, a luxúria é pecado(ST I, Q. 153, Art. 3, solução).

Assim, “Tomás de Aquino refere-se ao conceito de “pessoa” destacando o seu caráter singular, individual, (o que subsiste definitivamente, de modo único, na natureza racional), distingue-se o homem dos demais seres, garantindo para ele autonomia e controle das suas ações”(MARTINS; GODINHO, 2012, p. 17). Mostrando assim, a diferença entre o indivíduo religioso e a sociedade que o cerca.

Além disso, a heresia, na perspectiva religiosa, também é uma questão que destaca essa dualidade entre o homem religioso e a sociedade multifacetada. Isso porque, como foi citado na sessão anterior, o homem religioso assume, quando encontra-se no meio social, um comprometimento moral com o sagrado. Porém, uma vez que, ele comete o pecado da heresia, ele descumpra com o compromisso firmado anteriormente. A este respeito, Tomás de Aquino diz:

O nome de heresia, como se disse implica a eleição, que, conforme já dissemos, visa os meios, pressuposto o fim. Ora, na crença, a vontade assente a uma verdade como a um bem próprio, segundo do sobredito e colhe. Por onde, o que é principalmente verdadeiro tem a natureza de fim último; e o que é secundário, a de meio. Ora, como quem crê assente na palavra de outrem é considerado como principal e quase fim, em qualquer espécie de crença, aquele em cuja palavra assentimos; e como quase secundário aquele que admitimos por querermos assentir na palavra de outrem. Assim, pois, quem retamente possui a fé cristã, assente por vontade própria ao que verdadeiramente pertence à doutrina de Cristo. Ora, da retidão da fé cristã podemos nos desviar de dois modos. Primeiro, por não querermos assentir na doutrina de Cristo; o que implica a quase má vontade relativamente ao próprio fim, e constitui a espécie de infidelidade dos pagãos e dos judeus. De outro modo, podemos desviar da retidão da fé, quando, embora tendo a intenção de assentir na doutrina de Cristo, erramos ao escolher aquilo pelo que aceitamos a Cristo elegendo, não o que Cristo verdadeiramente ensinou, mas o que é sugerido pela mente própria. Por onde, a heresia é uma espécie de infidelidade, própria dos que, embora confessando a fé em Cristo, viciam-lhe os dogmas(ST I, Q. 11, Art. 1, solução).

Nesta questão da Suma Teológica, especificamente na pergunta de número dois, Tomás de Aquino(1265-1273) cita o vício como um ato de heresia. Assim, o vício se apresenta como uma nova questão que valerá para destacar a dualidade entre esse homem e a sociedade. Isso porque, diferentemente da perspectiva cristã, o vício dentro da sociedade multifacetada não é tratado como uma heresia ou um ato falho com relação ao divino. Nas muitas definições do que seja o vício, pode-se defini-lo como aquilo que, brevemente, pode oferecer um momento agradável ou prazeroso. Porém, coloca o indivíduo em ciclo de dependência com relação aquilo que o é agradável ou prazeroso, pois ele nunca estará totalmente saciado(ZUIN,2006).

Nesse ponto, encontra-se a diferença entre o homem religioso e a sociedade multifacetada. Portanto, enquanto que para esse homem religioso o vício é uma falha moral sua com o divino, para a sociedade- não de uma forma geral- o vício é uma questão fisiológica, como foi dito no início da sessão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, pelas reflexões apresentadas nesse artigo, pode-se obter uma narrativa elucidada da trajetória percorrida pelo homem religioso. A começar pela maneira que se inicia o contato do homem com a religião e como a crença no divino proporciona um novo sentido para a sua vida. Em um segundo momento, foi mostrado ao leitor como esse homem, já inserido na religião, se relaciona com a sociedade multifacetada, ou seja, o comprometimento moral dele com relação aquilo que, em sociedade, pode tirá-lo do caminho da virtude. Além disso, em um terceiro momento no artigo é debatida a moral de uma forma mais ampla, isso porque a sociedade apresenta diferentes concepções de moral.

As hipóteses levantadas ao decorrer do artigo aqui apresentado se afirmaram, de modo que, todas as premissas do pensamento moral do homem religioso utilizadas foram encontradas posteriormente na Suma Teológica e nos demais artigos de referência. Ao final, o objetivo maior, que era o de mostrar ao leitor a importância do comprometimento moral para o homem religioso e como isso interfere diretamente na forma como ele se vê em sociedade, a princípio, e também como essa visão que ele tem de si mesmo interfere nas suas decisões e relações no meio social, foi alcançado.

A forma comportamental desse indivíduo religioso o leva a um fim. É em sociedade que ele modera seu próprio comportamento, permanecendo fiel ao compromisso moral firmado por ele próprio e utilizando com sabedoria o livre arbítrio, dado a ele por Deus.

Para pesquisas posteriores, seria muito interessante uma análise sobre a relação entre religião e as redes sociais. Isso porque, assim como foi apresentado no artigo, o homem religioso compartilha o espaço social com pessoas que têm perspectivas diferentes de mundo, nas redes sociais isso também acontece. Porém, no mundo globalizado, as redes sociais também são ferramentas de divulgação e de perpetuação de postos de vista, podendo assim serem úteis para atrair mais fiéis, como vem já vem acontecendo.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**; Tradução: Alexandre Correia. parte I. [s. l.], Q. 1-99, abr. 2017. Disponível em: <https://alexandriacatolica.blogspot.com/search?q=suma+teol%C3%B3gica>. Acesso em: mar. 2023.
- CALLEGARO, R. **A doutrina do mal em Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Filogênese, v. 3, nº 1, p. 66-75, 2010.
- COELHO, Humberto Schubert. **Considerações contemporâneas sobre a natureza ética do homem conforme Tomás de Aquino**. Franciscanum 172, Vol. LXI, (2019): 1-13.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**; Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAITANIN, Paulo Sergio. **O mal como privação do bem em São Tomás de Aquino**. Niterói: Aquinate v. 2, p. 106-134, 2006.
- JAMES, W. **Variedades da Experiência religiosa**: Um estudo sobre a natureza humana; Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, ed. 1, 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/33753994/William_James_Variedades_da_Experiencia_Religiosa_Pensologosou. Acesso em: mar. 2023.
- MARTINES, P. **O ato moral segundo Tomás de Aquino**. Marília, v. 42, p. 249-264, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42esp.14.p249>. Acesso em: mar. 2023.
- MARTINS, A. H. C.; GODINHO, A. A. **O diálogo entre os direitos humanos e sua fundamentação filosófica na teoria moral de Tomás de Aquino**. Revista Ética e Filosofia Política, Vol. 2, n. 15, p. 4-24, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/viewFile/17723/9032>. Acesso em: Abr. 2023.
- NASCIMENTO, C. A. R. . **A Prudência Segundo Santo Tomás de Aquino**. Belo Horizonte: Síntese, v. 20, n. 62, p. 365-385, 1993.
- SILVA, A. W. C; TEIXEIRA, C. **Premissas do pensamento ético de Tomás de Aquino**. São Paulo: Reveleto, Vol. 5, n. 7, p. 32-45, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/download/7696/5634/18807#:~:text=A%20%C3%A9tica%20constru%C3%ADda%20por%20Tom%C3%A1s,o%20especulativo%20e%20o%20pr%C3%A1tico>. Acesso em: Abr. 2023.
- VÁZQUEZ, A. S. **Ética**; Tradução: João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, ed. 37, 304 p., 2017.
- VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia IV: introdução a ética filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1999. 483 p.
- ZUIN, A. A. S. **A vingança do fetiche: reflexões sobre a indústria cultural, educação pela dureza e vício**. Campinas: Educação e Sociedade, vol. 27, n. 94, p. 71-90, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313712004>. Acesso em: Abr. 2023.